

A LINGUÍSTICA CONTRASTIVA COMO BASE DE PESQUISA EM DICIONÁRIOS DE LÍNGUAS DE SINAIS: LIBRAS E LSE

Saulo Zulmar Vieira¹

Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar alguns pressupostos teóricos da Linguística Contrastiva na análise que se faz de alguns verbetes do dicionário de língua de sinais *online Spread the Sign*, com foco nas diferenças e semelhanças encontradas nos léxicos em sinais correspondentes. Os verbetes em análise neste trabalho se referem aos lemas de: PROFESSOR, REUNIÃO, APRENDER, INTELIGENTE e MATEMÁTICA, contrastando-se esses verbetes entre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua de Sinais Espanhola (LSE). O problema que se avalia aqui utiliza uma abordagem qualitativa que descreve e contrasta as classificações e categorizações dos sinais, com base na Lexicografia e na Linguística Contrastiva. Os resultados da pesquisa indicam que os aspectos lexicais em sinais possuem características semelhantes, sendo essa uma finalidade de aplicar a Linguística Contrastiva para a análise de dicionários de Línguas de Sinais e para o ensino de línguas estrangeiras/adicionais. A partir do exposto, conclui-se que a análise dos vocabulários revela que os sinais apresentam parâmetros das línguas de sinais, com algumas semelhanças e diferenças, destacando as variações e influências das línguas de sinais europeias. No entanto, é importante ressaltar que cada país possui sua própria língua de sinais, com características gramaticais distintas e vocabulários próprios.

Palavras-chave: Lexicografia. Libras. Língua de Sinais.

CONTRASTIVE LINGUISTICS AS A BASIS FOR RESEARCH IN SIGN LANGUAGE DICTIONARIES: LIBRAS AND LSE

ABSTRACT: This article aims to present some theoretical assumptions of Contrastive Linguistics in the analysis carried out in some entries in the online sign language dictionary *Spread the Sign*, focusing on the differences and similarities found in the corresponding sign lexicons. The entries under analysis in this work refer to the mottos: TEACHER, MEETING, LEARNING, INTELLIGENT and MATHEMATICS, contrasting these entries between the Brazilian Sign Language (Libras) and the Spanish Sign Language (LSE). The problem evaluated here uses a qualitative approach that describes and contrasts the classifications and categorizations of signals, based on Lexicography and Contrastive Linguistics. The research results indicate that the lexical aspects in signs have similar characteristics, which is the purpose of applying Contrastive Linguistics for the analysis of Sign Language dictionaries and for teaching foreign/additional languages. From the above, it is concluded that the analysis of the vocabularies reveals that the signs present interruptions from sign languages, with some similarities and differences, highlighting the variations and influences of European sign languages. However, it is important to highlight that each country has its own sign language, with distinct grammatical characteristics and its own vocabulary.

¹ Doutorando em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professor de Libras do Instituto Federal de Santa Catarina- IFSC. E-mail: prof.saulo.ifsc@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9563-2590>

² Professora e Doutora em Linguística e Estudos de Tradução. Bolsista de Produtividade do CNPQ. E-mail: adjabalbino@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6216-5415>.

Keywords: Lexicography. Libras. Sign language.

Introdução

Apesar do aumento da utilização e visibilidade da Libras no contexto brasileiro, depois da criação da Lei de Libras 10.436/2002 e do Decreto 5.626/2005, juntamente com movimentos da luta pelos direitos de comunicação dos surdos e pela implementação do curso superior de Letras Libras nos anos de 2006 e 2008, ainda há falta materiais didáticos adequados para o ensino dessa língua na Educação Superior (BRASIL, 2002; 2005).

A *Lengua de Signos Española* (Língua de Sinais Espanhola - LSE) é reconhecida em diversos países hispânicos da Europa e da América Latina e América Central como língua oficial para a comunicação dos surdos, mas neste artigo trataremos especificamente da LSE utilizada na Espanha. A LSE é regulamentada pela Lei 27/2007, que estabelece diretrizes para a comunicação oral de pessoas surdas, surdocegas e com deficiência auditiva (ESPAÑA, 2007).

Devido às influências das línguas de sinais europeias, especialmente a Língua de Sinais Francesa (LSF), os educadores surdos franceses desempenharam um papel significativo que contribuiu para a difusão do ensino das línguas de sinais em outros países internacionalmente. Não se pode simplesmente considerá-las como derivadas da LSF, pois ao longo dos anos, cada país desenvolveu as próprias línguas de sinais, com suas próprias características gramaticais distintas e vocabulários próprios.

As línguas de sinais são línguas visoespaciais com estruturas gramaticais próprias, que permitem a interação e a transmissão de ideias e fatos dentro de suas respectivas comunidades culturais, tanto no âmbito social quanto no acadêmico. Uma das diferenças entre as línguas de sinais e as línguas orais reside nas influências culturais que influenciaram a sua origem e desenvolvimento ao longo dos anos (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Objetivando realizar uma comparação entre as duas línguas de sinais supracitadas é necessário considerar alguns princípios e conceitos da Linguística Contrastiva (LC), que consiste em uma teoria que contrasta uma língua, normalmente uma língua nativa e a língua objeto de estudo, para identificar as semelhanças e as diferenças existentes entre elas. Segundo Durão (2005, p. 8-9), a LC confronta uma língua à outra, buscando identificar as semelhanças e diferenças existentes entre elas, podendo-se utilizar essa abordagem para identificar áreas específicas de dificuldade dos estudantes no aprendizado de uma delas ou, também, para desenvolver estratégias mais eficazes para aprimorar o seu ensino.

Outro campo do conhecimento que importa tratar neste artigo é o da Lexicografia, que é a área de estudo que se dedica à elaboração do registro das representações das unidades lexicais e à elaboração de atividades por meio de materiais lexicográficos. Entre esses materiais, destacam-se os repertórios lexicográficos, que reúnem informações sobre o léxico de uma língua, incluindo sua estrutura e uso em diferentes contextos. Os léxicos em sinais nos dicionários apresentam registros em repertórios lexicográficos com representação ilustrativa e a definição da entrada por escrito, uma vez que o processo de ensino e aprendizagem de línguas de sinais é diferente das línguas orais, já que se utilizam mãos, corpo, face, olhos, bocas e variados tipos de movimentos (POLGUÈRE, 2018).

Os dicionários de línguas de sinais estão começando a se beneficiar de tecnologias, estando presentes também na Internet. Com isso, observa-se que o léxico das línguas sinais tem sido ampliado, mas não tem sido devidamente atualizado e nem registrado nos dicionários.

O dicionário *online* selecionado como fonte desta pesquisa chama-se *Spread the sign*, o qual é um projeto que está se expandindo e ganhando visibilidade na comunidade surda em todo o mundo. Esse dicionário tem sido utilizado para aprimorar a usabilidade desses sinais, que são atualizados e coletados por comissões compostas por surdos e por ouvintes fluentes em línguas de sinais de cada país e de cada região do mundo.

A língua de sinais é uma modalidade linguística visoespacial usada pela comunidade surda para se comunicar, adquirir experiências e desenvolver seus conhecimentos (QUADROS, 2006). Sandler e Martin (2006) argumentam de forma incontestável que as línguas de sinais compartilham as suas características linguísticas fundamentais encontradas e semelhantes às das línguas orais, como português, espanhol ou inglês, sustentando que as línguas de sinais são línguas naturais e completas. Assim sendo, as línguas de sinais têm uma estrutura gramatical e um ritmo próprio dos movimentos e das expressões faciais e corporais que se distinguem de outras línguas orais-auditivas (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Historicamente, a *Lengua de Signos Española* (LSE) foi proibida em algumas ocasiões e, em outras, submetida a pressões para que fosse de uso minoritário, enquanto o oralismo era imposto com o objetivo principal de promover a fala. Posteriormente, foram estabelecidas escolas especializadas para estudantes surdos em escolas e institutos, defendendo-se o bilinguismo intermodal e intercultural (OVIEDO, 2006; SORIA, 2016). Com relação à Libras, Segala e Bernieri (2009, p. 33) afirmam que ela resulta não só da influência da língua de sinais francesa, mas também da língua de sinais já utilizada pelos surdos no Brasil, bem como de outras que chegaram no país na época da colonização pelos imigrantes.

Com os avanços ocorridos na pesquisa linguística, as línguas de sinais passam a ter um

maior reconhecimento em seus respectivos países. Atualmente, a visibilidade e difusão do uso dessa língua são cada vez maiores, tanto por meio das mídias como por consequências dos movimentos da política surda, das pesquisas científicas, da educação dos surdos e das associações dos surdos.

A Linguística Contrastiva e a Lexicografia

A Linguística Contrastiva (LC), enquanto campo teórico, destaca-se como um ramo do saber que sempre esteve relacionado com os processos de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. É esta mesma linha que adotamos nesta pesquisa, como possibilidade de encontrar uma base que permita contrastar estruturas léxicas da Libras e estruturas da LSE.

De acordo com Durão (2007), para além da preocupação didático-pedagógica e dos parâmetros contrastivos aplicados no âmbito da LC, esta também pode ser aplicada com relação às variantes de uma mesma língua, alicerçando os seus pressupostos na observação de sistemas interlinguísticos (relação entre línguas) e na intralinguística, ou seja, no estudo das variantes de uma mesma língua. Assim sendo, a LC pode ser tomada como base para o aprendizado de línguas estrangeiras e contribuir para a compreensão da estruturação das línguas de sinais, permitindo uma análise entre diferentes línguas dessa modalidade. Dessa forma, essa abordagem teórica pode proporcionar *insights* sobre as particularidades linguísticas de cada língua de sinais, bem como sobre as semelhanças e diferenças existentes entre elas, o que pode ser útil tanto para o desenvolvimento de materiais didáticos para o ensino de línguas de sinais, quanto para a produção de pesquisas linguísticas nessa área.

A Lexicografia aplicada às línguas de sinais em forma de repertórios visa registrar, documentar e descrever o léxico específico de cada uma dessas línguas, desempenhando um papel fundamental na preservação e difusão das línguas de sinais. Desse modo, o trabalho lexicográfico torna-se um meio valioso para manter viva a cultura surda, além de promover a inclusão e o respeito pela diversidade linguística e cultural (MARTINS, 2012; SOUZA, 2020). Ao consultar a língua de sinais, por meio do aprendizado e da compreensão, os significados de cada palavra são difundidos, permitindo que sejam reconhecidas e utilizadas como instrumento de comunicação e sociabilidade (SOFIATO; REILY, 2014; CAPOVILLA; TEMOTEO, 2014; SOUZA, 2020).

A elaboração de dicionários de língua de sinais é um processo complexo se comparado aos dicionários de línguas orais, pois envolve diversos desafios, entre os quais está fato de que os lexicógrafos que elaboram dicionários em línguas de sinais destacam a diversidade de

sistemas de sinais existentes, a falta de padronização dos sinais, a necessidade de atualizar constantemente o léxico e a dificuldade de representar visualmente os sinais (SOFIATO; REILY, 2014; FAULSTICH; VILARINHO, 2016).

A Lexicografia especializada (Terminologia) em Libras, ainda é uma área em fase de desenvolvimento que requer atenção por parte da comunidade acadêmica. O curso superior de Letras Libras desenvolveu a terminologia em línguas de sinais, dando maior visibilidade para este campo, a partir da qual os glossários foram gradualmente difundidos nos órgãos governamentais (STUMPF; OLIVEIRA; MIRANDA, 2014; SILVA, 2012). Já Durão *et.al.* (2018, p. 23) comentam que os vocabulários/glossários/repertórios lexicográficos/dicionários “gerais” de Libras, com exceção de apenas uma obra entre as selecionadas como fonte em sua pesquisa, têm sido mantidos mais ou menos como as primeiras obras de referência elaboradas já há muitos anos. Por isso, entendemos que a utilidade de aplicar a LC tem tido um papel importante na elaboração de dicionários de línguas de sinais, pretendendo avançar na sua produção.

No estudo geral da gramática da língua de sinais, um aspecto fundamental é a sua estrutura articulatória elementar. Inicialmente, esta estrutura foi denominada de “querológica” (STOKOE, 1960), mas hoje se prefere chamá-la de “fonologia”, pois representa a estrutura fonológica das línguas de sinais (RODRÍGUEZ, 1992; MUÑOZ, 1999).

A fonologia em línguas de sinais se baseia na organização das estruturas mínimas dos sinais, incluindo as formas das mãos, os movimentos, a orientação das mãos e a localização do corpo, os quais juntos dão significado e forma às palavras. De acordo com Quadros e Karnopp (2004), os estudos fonológicos da Libras investigam os parâmetros dessa língua: Configuração de mão (CM), Movimento (M), Locação (L), Orientação da mão (Or) e Expressões Não Manuais (ENM). Por exemplo, o sinal de “EDUCAÇÃO” em Libras retirado no dicionário *online Spread the Sign* é apresentado da seguinte maneira.



Fig.1: Sinal da palavra “EDUCAÇÃO” em Libras.

Fonte: Spreadthesign. <https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/> Acesso:14/03/2023

Como é sabido, a CM é responsável por diferenciar a maioria dos sinais em Libras. De

acordo com Pimenta e Quadros (2006), catalogaram-se 61 configurações de mãos. É importante observar que a ordem dos movimentos da CM (mão fechada inicialmente e, no final, mão aberta) pode resultar em sinais que apresentam ambas as mãos com a mesma CM, fenômeno conhecido como simetria. Além disso, há também a assimetria, que envolve movimentos alternados. E, ainda, podem ocorrer casos em que os sinais possuem duas CM diferentes, como no caso do sinal de “Livro” na figura 2, onde uma mão fica na posição de “boiada” na esquerda e a direita executa o movimento dominante.



Fig. 2: Sinal de “LIVRO” em Libras.

Fonte: Spreadthesign. <https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/> Acesso:14/03/2023

No dicionário *online Spread the Sign*, o verbete que corresponde ao lema “EDUCAÇÃO” mostra apenas um sinal, porém, na plataforma do dicionário, não há definição do significado, apenas o item. Ali são apresentadas várias palavras compostas, de modo que o significado do sinal deve ser utilizado para cada uma das acepções do lema “educação”, uma vez que cada palavra composta é definida por diferentes contextos visuais. Observe na figura 3 que, para consultar “educação” há outros lemas “educação”, mas não há definições para os lemas compostos, além de uma definição de categoria gramatical problemática, pois, por exemplo, para lemas compostos, como “educação superior”, indica-se a categoria substantivo.

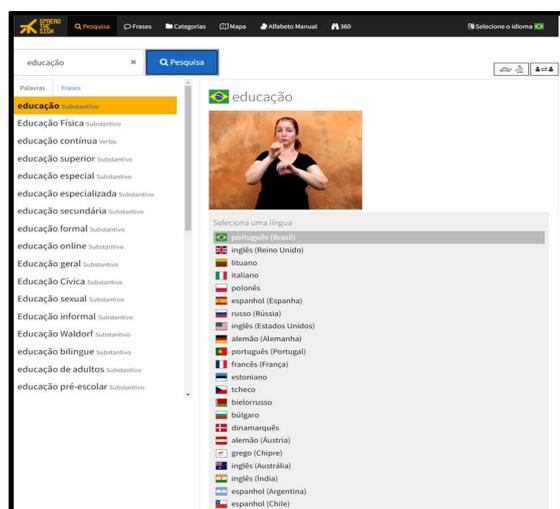


Fig. 3: Sinal de “EDUCAÇÃO” em Libras.

Fonte: Spreadthesign. <https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/> Acesso:14/03/2023

Deixando de lado as informações categoriais problemáticas, nos centramos nos elementos fonológicos das línguas de sinais, que envolvem também os movimentos, a orientação das mãos, os pontos de referência e a expressão facial. O “movimento” em línguas de sinais refere-se à ação e à maneira como os sinais se deslocam, podendo ser, entre outras possibilidades, linear, circular, semicircular, alternado, em ziguezague, entre outros. Além disso, o movimento pode ocorrer para cima, para baixo, para frente, para a esquerda ou para a direita (QUADROS; KARNOPP, 2004; FERREIRA-BRITO, 2010).

A orientação da mão é outro aspecto importante, variando de acordo com a rotação do sinal, podendo virar a mão para cima, para baixo, conforme a orientação de onde o sinal é apresentado corretamente. O “ponto de localização” se relaciona ao ponto onde o sinal será sinalizado, podendo ser no espaço à frente do corpo, acima, no braço, na testa, na orelha, no peito, entre outros locais (QUADROS; KARNOPP, 2004; FERREIRA-BRITO, 2010).

Por último, é fundamental o uso da expressão facial para demonstrar sentimentos e emoções, a qual possui função gramatical e pode ser usada como grau de intensidade e tamanho, expressão negativa e interrogativa, assim como outros sinais podem ser usados para expressar alegria, tristeza, força, fraqueza, etc. (QUADROS; KARNOPP, 2004; FERREIRA-BRITO, 2010).

Quanto aos formatos dos dicionários *online*, a digitalização tem sido uma tendência cada vez mais frequente, permitindo acesso amplo, rápido e eficiente aos dados lexicais e aos sinais das línguas de sinais. Outro aspecto importante na elaboração de dicionários de línguas de sinais é o formato em que eles são apresentados visualmente. No entanto, a Lexicografia em línguas de sinais percebe que há limitações, pois, o dicionário em línguas de sinais impressa envolve dificuldades específicas. A representação de sinais demonstra séries de ilustrações tridimensionais, o que pode dificultar o processo de aprendizado já que as línguas de sinais são visoespaciais e muitos sinais têm variações regionais e linguísticas (SOFIATO, 2005).

Contornos metodológicos

Este trabalho se propõe a apresentar uma análise dos dicionários de línguas de sinais, destacando o modo como as estruturas se organizam a partir de uma abordagem de pesquisa qualitativa-descritiva. Segundo Gil (1999, p. 46), a pesquisa descritiva [...] “tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre as variáveis”.

Os passos realizados para esta pesquisa foram os seguintes:

- Pesquisa dos sinais no dicionário *online Spread the sign*, disponível em <https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/>.
- Escolha de cinco palavras-alvo na área de ensino para a análise, sendo elas: “PROFESSOR”, “REUNIÃO”, “APRENDER”, “INTELIGENTE” e “MATEMÁTICA”;
- Buscar semelhanças e diferenças entre os léxicos da Libras e da LSE, contrastando os parâmetros fonológicos de ambas as línguas com foco no movimento e nas configurações de mãos.

Resultados e Discussões

Como descrito na sessão anterior, esta pesquisa foi empreendida a partir da busca inicial das palavras-alvo na área de ensino diretamente na plataforma do dicionário *online Spread the Sign*. A seguir, com atenção minuciosa, foram analisados os detalhes das configurações de mãos e movimentos utilizados na apresentação dos sinais, bem como as expressões faciais e os contextos em que as palavras/sinais são utilizadas. Esses aspectos têm grande importância, especialmente considerando que estamos tratando de uma língua que se utiliza de recursos espaço-visuais, pois, ao analisar as palavras em línguas de sinais, pretende-se observar com atenção as semelhanças e diferenças existentes na representação e organização do léxico, além de possíveis variações regionais ou culturais na forma de representação dos sinais.

5 Palavras	Dicionário online Spread the sign - Brasil	Dicionário online Spread the sign - Espanha
PROFESSOR/DOCENTE (Profissão)		
REUNIÃO (Atividades da classe)		
APRENDIZAGEM/APRENDER (aluno)		
INTELIGENTE(atitudes)		
MATEMÁTICA (disciplina)		

Quadro 1: Comparações das lexias de língua de sinais nos dicionários de Libras e de LSE

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Como dito anteriormente, a CM é um dos cinco parâmetros utilizados na língua de sinais, além da orientação espacial, expressões faciais, movimentos e pontos de articulação. Cada sinal é formado pela combinação desses parâmetros, sendo que a CM é um dos parâmetros que diferencia a maioria dos sinais. Em Libras, é importante lembrar que, mesmo que se usem sinais semelhantes para duas palavras, a CM pode ser diferente, alterando completamente o significado do sinal. A partir dessa análise de CM e os tipos de movimentos, torna-se possível identificar as melhorias necessárias nos registros dos dicionários de língua de sinais, bem como aprimorar os registros de sinais, contribuindo para o desenvolvimento desta área da Lexicografia.

A seguir, apresentam-se os detalhes de cada sinal representados nas análises:



Quadro 2 - Análise do sinal “Professor”

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelos autores (2023)

Ao buscar o sinal que corresponde à palavra “PROFESSOR” no dicionário, observou-se que apenas a referência em Libras apresenta o registro desse sinal. Assim, apresenta a CM  com os movimentos semicirculares para direita e esquerda. No entanto, na LSE, consta a informação de que não há sinal para essa palavra. Isso implica considerar que a produção de sinais que devem ser inseridos no dicionário parece descontinuada pela equipe responsável pelos sinais da LSE, especialmente por se tratar de um material online de referência para pesquisadores da área. Essa questão apresenta um impacto significativo para o campo da Lexicografia das línguas de sinais, pois não disponibiliza aos consulentes os sinais correspondentes na sua totalidade, prejudicando seu aprendizado.

É importante ressaltar que há sinal para “professor” na LSE³. Desta forma, é necessário oferecer o maior número possível de sinais nos dicionários de língua de sinais, a fim de proporcionar informações completas da língua de sinais estrangeira aos consulentes, contribuindo para seu melhor entendimento e consequente aprendizado.

³ No dicionário da LSE (Diccionario de la Lengua de Signos Española - DILSE), produzido em colaboração com a Fundação CNSE, uma organização estatal sem fins lucrativos fundada em 1998 por vontade da Confederação Estadual dos Surdos, é possível consultar palavras em espanhol. Ao consultar a palavra "profesor" em língua espanhola, constatei o sinal disponível nos seguintes links: <https://fundacioncnse-dilse.org/?buscar=profesor,%20ra>. Acesso em 13/11/2023.



Quadro 3 - Análise do sinal “Reunião”

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelos autores (2023)

Ao buscar o sinal que corresponde à palavra “REUNIÃO” no dicionário de Libras e no dicionário LSE foi constatado que apenas o dicionário de LSE apresenta o registro desse sinal. No dicionário de Libras, consta a informação de que não há sinal para essa palavra, embora ela já faça parte do léxico da Libras, confere o sinal no dicionário do INES⁴. Assim, o dicionário de LSE apresenta a CM , com o uso em movimentos da simetria em semicircular. Mais uma vez, chama-se a atenção para o fato de que há necessidade de manter registros de sinais abrangentes nos dicionários de línguas de sinais, a fim de proporcionar aos consulentes uma aprendizagem mais eficiente e completa da língua de sinais estrangeira.



Quadro 4 - Análise do sinal “Aprendizagem”

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelos autores (2023)

Ao buscar o sinal da palavra “APRENDIZAGEM” no dicionário de Libras e no dicionário de LSE, observou-se que tanto na Libras quanto na LSE há o registro deste sinal. Apresenta a CM início  e finaliza , com a localização na testa e com os movimentos da mão ao abrir e fechar representando uma forma de abrir conhecimento, e fechar, para entrar no cérebro, uma forma de instruir o aprendiz. Na LSE, apresenta-se a CM inicia  e finaliza

⁴ No dicionário da Língua Brasileira de Sinais (Libras), organizado por obras responsável pela realização do projeto Acessibilidade Brasil no link <http://acessobrasil.org.br>, é possível consultar palavras em português, ou por ordem alfabética e pela CM (mão). Ao consultar a palavra "REUNIÃO", constata o sinal disponível nos seguintes links: <https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/>. Acesso em 13/11/2023.

👉, com movimentos de fora para o contato no peito, ou seja, o sinal representa o espaço para buscar os conhecimentos com a mão aberta e puxar para o peito como uma forma de o conhecimento entrar nela.

Visualmente, percebe-se uma semelhança muito tênue entre os sinais de APRENDER em Libras e APRENDER em LSE, talvez por atributos culturais em que, por exemplo, os surdos brasileiros referem-se à cabeça e área da testa como um lugar em que o conhecimento é armazenado, portanto, o sinal é realizado na testa como se algo externo estivesse sendo trazido para si. Em LSE, a percepção dos surdos espanhóis pode ser diferente, uma vez que o sinal evidencia o modo de aprender como algo mais amplo, isto é, uma parte maior do corpo (o tronco) parece ser o local em que se adquire/absorve o conhecimento, algo como uma esponja que suga de fora para dentro. Com relação à diferença, como pode ser observado no quadro 4, a morfologia de ambos os sinais é distinta nos parâmetros CM, L e M o que evidencia o modo sobre como o conhecimento é percebido e adquirido.



Quadro 5 - Análise do sinal “Inteligente”

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelos autores (2023)

Com relação ao sinal que corresponde à palavra “INTELIGENTE” no dicionário de Libras e no dicionário de LSE, observou-se que em ambas as línguas o sinal está localizado no mesmo ponto de articulação, PA, na têmpora. A CM 👉 em Libras e a CM 👉 em LSE e o M (movimento) tipo retilíneo são semelhantes, mas não iguais. Observe que os sinais são semelhantes, mudando a forma da CM e M, mas o PA é o mesmo. A semelhança entre a Libras e a LSE, na perspectiva deste artigo, reside nos traços distintivos que envolve a CM e M. Ou seja, o conceito de “inteligência” está relacionado à capacidade de compreender o conhecimento ou de possuir conhecimento para resolver o planejamento, refletindo uma ação do pensamento na mente. A pequena diferença observada envolve os parâmetros “CM” e “M”, o que pode estar relacionado à ocorrência de alofonia⁵ ou à característica cultural da língua de sinais do

⁵ O conceito de alofonia ou alofone em Língua de Sinais, pode ser considerado como um modo de sinalizar, como uma forma de pronunciar tendo algumas mudanças de fonemas sem modificar o significado, conforme Quadros e Karnopp (2004): (...) na língua de sinais, ainda não temos estudos que identificam os seus fonemas e alofones, mas sabemos que isso acontece. Por exemplo, o sinal de DOMINGO, pode ser produzido com duas configurações

país correspondente.



Quadro 6 - Análise do sinal “Matemática”

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelos autores (2023)

Quanto ao sinal que corresponde à palavra “MATEMÁTICA” no dicionário de Libras e, também, no dicionário de LSE, observou-se que, na Libras, apresenta-se a CM 🖐 com movimentos retilíneos curtos em contato com outra CM 🖐 passiva. Na LSE, apresenta-se as duas CMs 🖐, movimentando alguns dedos na localização de frente do corpo com movimentos retilíneos para cima de forma assimétrica. A semelhança entre as línguas de sinais é a L (localização) do espaço neutro, visto que os sinais representam as mãos como uma forma de contagem de números. Portanto, na Libras se apresenta como uma tabela de cálculos ou tabelas de tabuadas em determinadas regiões, enquanto na LSE, a contagem é feita pelos números nas mãos. A diferença notável envolve os sinais “CM”, “M” e “ENM”, conforme indicado no quadro 6, onde o sinal de “MATEMÁTICA” em Libras pode ter dois sinais devido às variações regionais. Um desses sinais inclui a “CM” como a letra inicial da palavra “M” em matemática.

As lexias que foram analisadas acima chamam a atenção para o fato de que cada língua de sinais tem as suas próprias expressões e variações. Portanto, é necessário considerar cada língua de sinais como língua natural que, como tal, evolui ao longo do tempo, assim como as línguas orais. Sendo assim, os estudos de Lexicografia são importantes para que se possa entender a estrutura e características que compõem os dicionários de Libras e LSE.

A análise contrastiva dos dicionários ajuda a identificar as diferenças e semelhanças entre os sinais utilizados em diferentes línguas de sinais e a entender como os pressupostos da Lexicografia podem ser aplicados para melhorar a qualidade dos dicionários de línguas de sinais. Além disso, ajuda a desenvolver estratégias para aprimorar a descrição dos sinais e a garantir a representatividade da comunidade surda na produção de dicionários e materiais

diferentes dependendo de quem sinaliza (QUADROS; KARNOPP, 2004,p. 54). Assim como em línguas faladas, onde diferentes fonemas podem ser produzidos de maneiras ligeiramente diferentes, a alofonia em Libras compreende as variações dentro dos sinais, sem que essas variações alterem o sentido da mensagem transmitida

lexicográficos. Nesse sentido, a pesquisa também contribui para o desenvolvimento da descrição e classificação das diferenças e semelhanças dos vocabulários entre Libras e LSE.

Dessa forma, este trabalho tem potencial para aprimorar outros léxicos voltados para a indicação de especificidades de sinais em diferentes línguas de sinais, repercutindo em diversas áreas de pesquisa, como semântica, fonologia, morfologia e estudos acerca da variação linguística.

Considerações finais

Este trabalho de cunho qualitativo-descritivo buscou apresentar pressupostos teórico-práticos da Linguística Contrastiva e da Lexicografia na análise de alguns verbetes no dicionário de língua de sinais *online Spread the Sign*, focando nas diferenças e semelhanças encontradas nos léxicos dessas duas línguas de sinais, sendo elas a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua de Sinais Espanhola (LSE).

Os resultados da análise revelam que, no âmbito do vocabulário, os sinais para “PROFESSOR” e “REUNIÃO” não estão disponíveis no dicionário *online*, pois não estão disponibilizados na plataforma. Já os sinais para “APRENDIZAGEM” e “MATEMÁTICA” são sinais diferentes, e o sinal de “INTELIGENTE” é semelhante nas duas línguas de sinais. Além disso, cada sinal pode apresentar variações. A análise dos vocabulários revela que os sinais apresentam parâmetros das línguas de sinais, com algumas semelhanças e diferenças, destacando as variações e influências das línguas de sinais europeias.

Uma das finalidades dessa pesquisa é abordar a necessidade de desenvolver uma base objetiva para analisar e propor alternativas para dicionários bilíngues em línguas de sinais. Resta, assim, a expectativa de que este trabalho contribua para o avanço dos conhecimentos linguísticos da Libras e da LSE para que faça parte da rotina dos estudos científicos (na área específica do material escolar). Dessa forma, os dicionários e outras obras lexicográficas são fundamentais para a preservação, valorização e disseminação das línguas de sinais, garantindo a sua visibilidade e reconhecimento como línguas naturais e autônomas.

Referências

BRASIL. *Lei n.10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 2002.

BRASIL. *Decreto n.5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Diário Oficial da União, Brasília, 2002.

CAPOVILLA, Fernando Cezar; TEMOTEO, Janice. G. *A importância do Novo Deit-Libras para a educação bilíngue da criança surda* (p. 103- 127). In: ANDREIS-WITKOSKI, Silvia; FILIETAZ, Marta Rejane Proença (org.). *Educação de surdos em debate*. 1. ed. Curitiba: Editora UTFPR, 2014.

DURÃO, Adja B. de A. B. A influência do português como língua materna no processo de aprendizagem de inglês como língua estrangeira: a questão do sujeito gramatical. *Revista Investigações*, v. 18, n. 2, jul. 2005.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. *La interlengua*. Madrid, Arco Libros, 2007.

DURÃO. Adja Balbino de Amorim Barbieri. Boldo. Jaqueline; Lohn. Juliana Tasca.Vieira. Saulo Zulmar. Design Verbete de substantivo para um dicionário bilíngue Português-Libras. Campinas, SP: Pontes 2018.

ESPANHA. Lei n. 27, de 23 de outubro de 2007. Reconhece as línguas gestuais espanholas e se regulam os meios de apoio à comunicação oral de surdos, surdocegos e surdocegos. Boletim Oficial do Estado. Madri, 2007, 255, p. 43251-43259.

FAULSTICH, Enilde; VILARINHO, Michelle de Oliveira. O. *Lexicografia bilíngue: versatilidade e complexidade* (p. 13-36). In: SILVA, Odair Luiz Nadin; ZAVAGLIA, Claudia. *Estudos do léxico em contextos bilíngues*. Campinas: Mercado das Letras, 2016.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. *Por uma gramática de língua de sinais*. São Paulo: Cultrix, 2010.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4a edição. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTINS, Antonielle Cantarelli. *Lexicografia da Língua de Sinais Brasileira do Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2012.

MUÑOZ, Irmã Maria. *¿Cómo se articula la Lengua de Signos Española?* Madrid: CNSE, 1999.

OVIDEO, Asturias. *Congreso Internacional de Maestros de Sordomudos*. Milán, Italia. Septiembre, 1880. Publicado no Blog Cultura Sorda, 2006.

POLGUÉRE, Alain. *Lexicologia e semântica lexical: Noções Fundamentais*. São Paulo: Contexto, 2018.

QUADROS, Ronice Muller de. KARNOPP, Lodenir. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de; PIMENTA, Nelson. *Curso de Libras 1*. Rio de Janeiro: LIBRAS Vídeo, 2006.

QUADROS, Ronice Muller de. *Efeitos De Modalidade De Língua: As Línguas De Sinais*. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.168-178, jun. 2006.

RODRÍGUEZ, María Ángeles. *Lenguaje de signos*. Madrid: Fundação ONCE, 1992.

SANDLER, Wendy, MARTIN, Diane L. *Sign Language and Linguistic Universals*. UK: Cambridge University Press, 2006.

SEGALA, Rimar Ramalho; BERNIERI, Rose. *A perspectiva social na emergencia das Línguas de Sinais: A noção de comunidade de fala e idioleto segundo o modelo teórico Laboviano*. QUADROS, Ronice Muller de; STUMPF, Marianne Rossi (orgs.). Estudos Surdos IV. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2009.

SILVA, Nilce Maria. *Instrumentos linguísticos de Língua Brasileira de Sinais: constituição e formulação*. Tese (Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

SOFIATO, Cássia Geciauskas. *O desafio da representação pictórica da Língua de Sinais Brasileira*. Dissertação (Mestrado do curso de Artes Visuais). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2005.

SOFIATO, Cássia Geciauskas; REILY, Lucia Helena. *Dicionarização da língua brasileira de sinais: estudo comparativo iconográfico e lexical*. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 40, n. 1, p. 109-126, jan./mar. 2014.

SORIA, Estibalizen Fenández. *Aprenda la lengua de signos*. (Online), 2023.

SOUZA, Joyce Cristina. *Dicionários bilíngues português-Libras o ensino para surdos: usos e funções*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2020.

STOKOE, William. *Sign and Culture: A Reader for Students of American Sign Language*. Maryland: Linstok Press, 1960.

STUMPF, Marianne Rossi; OLIVEIRA, Janine Soares de. MIRANDA, Ramon Dutra. Glossário Letras Libras: *A trajetória dos sinálgarios no curso: Como os sinais passam a existir?* In: QUADROS, Ronice Muller. (Org.) Letras Libras: Ontem, hoje e amanhã. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

SPREAD THE SIGN. Dicionário Online de Língua de Sinais. (Online). Disponível em: <<https://www.spreadthesign.com/pt.br>>.

Recebido em: 16/11/2023.

Aceito em: 07/12/2023.